



Pierre Bourdieu e a Dominação Masculina

Aluno: Marcella Uceda Betti

2º Semestre/ 2011

Roteiro de Atividades Didáticas

Atividade 1 – A dominação masculina e a violência contra as mulheres: discussão sobre a “Marcha das Vadias” e sobre o caso Geisy Arruda

A Marcha das Vadias (*Slutwalk*, em inglês) é uma manifestação mundial de repúdio à violência contra as mulheres. Foi criada no Canadá, no ano de 2011, após um policial ter afirmado, em uma palestra universitária, que as mulheres deviam evitar se vestir como vadias (*sluts*) para não serem estupradas. A Marcha surgiu para contestar esta declaração e mostrar que as mulheres não são culpadas pela violência sexual da qual são vítimas. A partir daí, o movimento se espalhou por diversos países do mundo, incluindo o Brasil.

O caso Geisy Arruda aconteceu no final do ano de 2009, em um dos *campus* da Uniban, em São Paulo. A estudante Geisy Arruda, que frequentava o primeiro ano do curso de turismo da referida instituição, foi hostilizada por um grupo de centenas de alunos ao aparecer na faculdade usando um vestido curto, tendo que ser escoltada para fora do prédio para não sofrer agressões físicas. O caso repercutiu enormemente na mídia e culminou com a expulsão de Geisy da Uniban.

Objetivos: Por meio da discussão sobre o protesto da Marcha das Vadias e sobre o modo como Geisy Arruda foi hostilizada publicamente por conta de sua roupa, mostrar de que modo a lógica da dominação masculina procura culpar as mulheres pela própria violência à qual são submetidas. As mulheres vítimas de violência muitas vezes são julgadas como “provocadoras”, como as responsáveis pela própria agressão.

Previsão de desenvolvimento: 1 aula



Recursos necessários: Para o desenvolvimento da atividade serão utilizados como recursos fotos da Marcha das Vadias e reportagens sobre a Marcha e sobre o caso Geisy Arruda. Se não for possível o uso de um computador e de um telão de projeção, a sugestão é imprimir as reportagens e as fotos e distribuí-las entre grupos de alunos.

Dinâmica utilizada: A partir da leitura das reportagens e das fotos (as reportagens, por uma questão de tempo, não precisam ser lidas por inteiro, alguns trechos podem ser selecionados), apresentar aos alunos os dois eventos e fomentar a discussão sobre a violência da dominação masculina. As seguintes questões podem ser debatidas:

- Qual é o sentido da palavra “vadia”? É semelhante ao da palavra “vadio”? Por quê?
- Por que a afirmação do policial canadense gerou protestos? O que ele quis dizer com tal afirmação?
- De que maneira a Marcha se apropriou do termo “vadia”? Por que os manifestantes optaram por manter o termo utilizado pelo policial?
- Quais são os argumentos dos manifestantes da Marcha? De que forma eles se contrapõem à declaração que gerou a Marcha? O que os manifestantes procuram denunciar?
- Por que mulheres vítimas de violência são muitas vezes consideradas culpadas pelas próprias agressões? Qual é a lógica por trás deste raciocínio?
- Como a agressão sofrida por Geisy Arruda pode ser relacionada à Marcha das Vadias?
- De um lado, Geisy foi julgada como ré, pois, além de ser humilhada publicamente pelos colegas, também foi expulsa da universidade. De outro, Geisy foi defendida com o argumento de que foi vítima de discriminação e de violência machista. Problematizar



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

tal questão, mostrando de que forma a dominação masculina pode ser legitimada e ao mesmo tempo contestada.

- Que argumentos são utilizados pelas pessoas ouvidas pela reportagem para criticar a decisão da Uniban de expulsar Geisy?

Reportagens utilizadas nesta atividade:

Matéria do jornal Folha de São Paulo, do dia 04/06/2011, disponível no endereço <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/925522-marcha-das-vadias-leva-300-pessoas-para-a-av-paulista.shtml>

04/06/2011

Marcha das Vadias leva 300 pessoas para a av. Paulista

RAPHAEL SASSAKI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Apesar de mais de 6.000 pessoas terem confirmado presença na página do Facebook, a Marcha das Vadias levou somente cerca de 300 pessoas para a praça do Ciclista, entre a av. Paulista com a rua da Consolação, na tarde deste sábado (4). As estimativas são da Polícia Militar.

 [Veja imagens da Marcha das Vadias](#)

Carlos Ceconello/Folhapress



Ato simbólico na Marcha das Vadias na av. Paulista



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

A manifestação foi a versão brasileira do "Slut Walk", movimento mundial de protesto contra a violência às mulheres, que já foi realizado em várias cidades dos EUA, Canadá e Austrália. Hoje a marcha seria realizada também em Copenhague (Dinamarca), Amsterdã (Holanda) e Estocolmo (Suécia).

O evento foi criado após um representante da polícia do Canadá ter declarado que as mulheres deveriam evitar se vestir como prostitutas para não serem vítimas de estupro.

As declarações causaram revolta e geraram um grande movimento organizado na internet, que começou no início de abril com o protesto de Toronto e já aconteceu até agora em mais de 20 cidades norte-americanas e australianas.

"Não é culpa dos nossos vestidos, salto alto, regatas, saias e afins que todos os dias mulheres são desrespeitadas e agredidas sexualmente, isso é culpa do machismo ainda muito presente na nossa sociedade. As mulheres do mundo estão se unindo!", diz a apresentação do evento no site "Slut Walk Toronto".

Já no movimento de São Paulo, a organizadora do evento, Madô Lopez, diz em seu blog que já foi insultada pelas roupas que usava, em cantadas e gracinhas feitas por homens.

"Chega de sermos recriminadas e discriminadas nas ruas porque usamos saias, *leggings*, regatas, vestidos justos, chega de sermos reprimidas e intimidadas porque somos mulheres, porque somos femininas e porque queremos nos sentir sensuais, bora pras ruas mulherada! Não é porque uso saia que sou puta!", escreve ela.

No site oficial da Slut Walk, a organização diz que historicamente o termo *slut* (puta, vagabunda ou vadia, em português) tem conotação negativa e se tornou ferramenta de acusação grave de caráter.

"Nós estamos cansadas de sermos oprimidas pela palavra 'vagabunda'; de sermos julgadas por nossa sexualidade e de nos sentirmos inseguras como resultado disso. Ter o controle das nossas vidas sexuais não significa que nós estamos abertas à violência e ao abuso, mesmo que façamos sexo por prazer ou trabalho. Ninguém deveria comparar gostar de sexo com atrair abuso sexual."

A manifestação também está marcada para acontecer em Belo Horizonte (MG) no dia 18, à partir das 13 horas, saindo da Praça da Rodoviária.



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Matéria da revista TPM, do dia 01/06/2011, disponível no endereço
<http://revistatpm.uol.com.br/notas/marcha-das-vadias.html>

Marcha das Vadias

São Paulo recebe passeata contra a culpa feminina em casos de agressão sexual

01.06.2011 | Texto por Nina Lemos e Letícia Flores Fotos Reprodução

Reprodução/Brian Neumann



Eu posso escolher com quem quero transar - Marcha das Vadias em Vancouver

Você sai com um vestido curto e passam a mão na sua bunda. Você conta para um amigo que diz: "mas também, né, com uma roupa dessas". Como assim? Nunca aconteceu com você? Apostamos que sim. E é por isso que achamos que ir na **Marcha das Vadias**, que acontece sábado em São Paulo é uma boa ideia. A causa: acabar com essa história de que mulher estuprada (sim, o assunto é seríssimo) provocou isso. E, claro, com essas historinhas mais simples que acontecem todos os dias. Com todo mundo.

E por que vadia? O termo vem do inglês, de *slut*, mas serve muito bem. Afinal, mulher que se veste como quer, transa com quem quer, é chamada de que? Hein?

A **Slut Walk** começou a se desenrolar em Toronto, no Canadá. Em uma universidade,



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

um policial dava uma palestra sobre segurança no campus universitário e argumentou que as estudantes deveriam evitar se vestir como vagabundas (daí vem o termo *sluts*) para não se tornarem alvo fácil de estupros.

Diante de uma declaração infeliz como esta, as estudantes decidiram protestar. E com razão! Ou será que é normal sofrer uma trágica e forçada agressão ao nosso corpo e mente e ainda assim nos sentirmos culpadas? Não restam dúvidas de que estupro é um medo presente na mente das mulheres e o distúrbio mental vem da parte do agressor. E não das nossas peças de roupas! Sim, vamos continuar nos vestindo do jeito que quisermos. Sempre.



"Não diga como devemos nos vestir; diga aos homens para não estuprarem"

A passeata, que acontece no próximo sábado em São Paulo, é na verdade um grito contra o conceito de "mulher estuprável". Não, isso não existe! É errado a sociedade dizer "cuidado para não ser estuprada" em vez de "não estupre". Somos livres para usarmos o que quisermos e, principalmente, somos livres de qualquer culpa desse ato.

A *Tpm* ouviu algumas blogueiras feministas que levantam a bandeira da causa e mostram porquê não devemos ficar de fora da passeata.

Para [Marjorie Rodrigues](#), 23, que mora em São Paulo e é assessora de imprensa, a ideia da marcha é excelente e que o protesto é necessário. "Essa coisa de separar uma mulher entre santa, puta, ou vadia, é algo que não depende da sexualidade da mulher ou de quantos parceiros ela quer ter. O julgamento vem da maneira que você anda, que você



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

senta, se você ri demais, se você fala demais. Já passou da hora da gente protestar contra isso pra termos mais liberdade ainda. É aquela velha história: o homem pode falar que tal mulher é gostosa, mas se eu falar isso, eu sou uma vadia. No Brasil, a gente tem o exemplo recente do Rafinha Bastos que fez uma piada dizendo que cara que estupra mulher feia merece um abraço, tem a frase do Maluf 'estupra, mas não mata', tem o caso da Geisy Arruda que todo mundo julgou como puta por causa de um vestido. Essa questão só parece pequena, mas a verdade é que ela oprime as mulheres todos os dias", disse. "O nome da marcha é de fato pejorativo, mas a verdade é que o propósito da marcha é maior. Não existe mulher vadia, mulher santa ou mulher vagabunda, existem vários tipos de mulheres e cada uma explora sua sexualidade do jeito que achar mais adequado", completa.

"Pra mim, o nome ideal seria 'Marcha das Mulheres Livres', mas não teria tanto impacto na mídia" - Tica Moreno

A socióloga [Tica Moreno](#), 27, também de São Paulo, também parte da ideia de que a marcha foi uma ótima sacada das meninas em Toronto. "Elas conseguiram potencializar o debate de que não importa o tipo de roupa, ou o tipo de comportamento, nada justifica a violência contra as mulheres. Vale lembrar do caso do goleiro Bruno. A própria mídia justificou a violência dele porque diziam que Eliza Samudio era uma garota de programa, que adorava sair com vários jogadores. Então, pra nós, é o momento de levar para as ruas, pra mídia, pra internet, que nada é capaz de justificar a violência. O termo *vadia* pode sim ser usado de uma maneira que foge da proposta, não acho que é o caso de positivar a palavra, mas a verdade é que as mulheres são livres para terem o comportamento que quiserem. Nosso debate não se trata sobre ser ou não devassa, pra gente se trata de ser livre. Pra mim, o nome ideal seria a Marcha das Mulheres Livres, mas vamos combinar que isto não teria tanto impacto na mídia", explica.

Conhecida na internet como [Srta. Bia](#), a brasileira [Bianca Cardoso](#), 30, servidora pública, vai além e sugere cartazes que as mulheres poderiam levar na Marcha. "Acho importante ir para a Marcha com roupas que a pessoa goste de usar e cartazes com dizeres: '*Este é meu corpo, meu precioso corpo me pertence*' ou '*Meu corpo, minhas regras*' ou até mesmo hinos do funk como '*A buceta é minha e eu dou para quem quiser!*'. Para a sociedade, ser vadia é ser uma mulher promíscua. Para mim ser vadia é viver sendo quem eu sou, rasgando a burca invisível que nos cobre", disse.

Reprodução/Brian Neumann



Respeito é sexy - Marcha das Vadias em Vancouver

Autora do blog [Escreva Lola Escreva](#), um dos blogs feministas mais conhecidos do Brasil, **Lola Aronovich**, 43, argentina naturalizada brasileira que há um ano e meio mora no Ceará, é professora da UFC (Universidade Federal do Ceará) e cronista de cinema. Para ela, o tema em si já é muito polêmico, principalmente a escolha do nome. "Eu acho muito difícil ser possível reapropriar o significado de um nome. Mas ao mesmo tempo eu entendo totalmente o propósito da Marcha, que é contestar a afirmação feita pelo policial lá em Toronto. A verdade é que a visão geral diz que quem tem que se preocupar é a vítima! É a mulher que tem que aprender a não ser estuprada, não o homem que tem que aprender a não estuprar, a gente ouve isso toda hora. Quando ouvimos falar em estupro, a primeira coisa que perguntamos é 'mas o que ela estava vestindo, onde ela tava ou que horas eram?'. Tudo sempre relacionado à postura da vítima. Então a gente fazendo a Marcha pode muito bem conscientizar algumas pessoas que todo o assunto 'estupro' está muito mal discutido.", explica.

Pelo mundo

A primeira **Slut Walk** aconteceu no início de maio no Canadá, e se espalhou pelo mundo. As mulheres da Argentina, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda e Nova Zelândia já deram seu grito contra o conceito machista de que a mulher pediu pra ser estuprada. Podemos garantir que nenhuma de nós faria este tipo de pedido. No próximo sábado, dia 4, a passeata acontece em São Paulo, Los Angeles, Chicago, Edmonton, Estocolmo, Amsterdã e Edimburgo. E no dia 18 de junho em Belo Horizonte.

Reprodução/Flickr Kasie Cie



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia



Vadia = dignidade - Marcha das Vadias em Toronto, a primeira de todas

Matéria do jornal Folha de São Paulo, do dia 08/11/2009, disponível no endereço
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u649404.shtml>

08/11/2009

Ministra condena medida e diz que expulsão de aluna é intolerância

da Agência Brasil
da Folha Online

A ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, afirmou neste domingo que vai cobrar da Uniban explicações sobre a [decisão de expulsar](#) a aluna Geisy Arruda, que usou um microvestido e foi hostilizada no dia 22 de outubro.

[Veja comunicado da Uniban sobre expulsão de aluna](#)
[Advogado pode contestar decisão da universidade](#)
[UNE reprovou expulsão de aluna](#)
[Aluna diz que expulsão da Uniban é absurda](#)



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Nilcéa condenou a decisão e disse que a atitude demonstra "absoluta intolerância e discriminação". "Isso é um absurdo. A estudante passou de vítima a ré. Se a universidade acha que deve estabelecer padrões de vestimenta adequados, deve avisar a seus alunos claramente quais são esses padrões."

Segundo a ministra, a ouvidoria da secretaria já havia solicitado à Uniban explicações sobre o caso, inclusive perguntando quais medidas teriam sido tomadas contra os estudantes que hostilizaram a moça. Nesta segunda-feira (9), ela deve publicar nota condenando a expulsão e provocando outros órgãos de governo, como o Ministério Público Federal e o Ministério da Educação, a se posicionarem.

Fábio Braga-2.nov.09/Folha Imagem



Geisy Arruda, 20, posa com vestido que provocou polêmica que a expulsou da Uniban

Seminário

As cerca de 300 participantes do seminário "A mulher e a mídia", do qual Nilcéa participou, decidiram divulgar moção de repúdio à universidade pela expulsão.

A decisão da Uniban também foi reprovada pela deputada federal Luiza Erundina (PSB-SP), uma das participantes do seminário. Segundo a deputada, a expulsão de Geisy não se justifica e parte de um "moralismo idiota". "Mesmo que ela fosse uma prostituta, qual seria o problema da roupa? Temos que ter tolerância com a decisão e postura de cada um", afirmou Erundina.

A socióloga e diretora do Instituto Patrícia Galvão, Fátima Pacheco, questionou o argumento da universidade de que a aluna "teria tido uma postura incompatível com o ambiente acadêmico", conforme diz a nota da Uniban. "Ela não infringiu nada. Ela estava vestida do jeito que gosta, da maneira que acha adequado para seu corpo e a interpretação do abuso, da falta de etiqueta, é uma interpretação que não tem sentido", disse Fátima.

"É uma reação à mulher e à autonomia sobre o seu corpo. Não se faz isso com rapazes sem camisa, com cueca para fora ou calças rasgadas", completou a socióloga.

Para a psicóloga Rachel Moreno, do Observatório da Mulher, a reação dos estudantes e da universidade refletem posições contraditórias e "hipócritas" da sociedade em relação à mulher. "Por um lado, a nossa cultura diz que a mulher tem que valorizar o corpo,



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

afinal de contas, tem que ser bonita, gostosa, e tem que se mostrar. Por outro lado, a mulher é punida quando assume tudo isso com tranquilidade."

O Movimento Feminista de São Paulo prepara manifestação para esta segunda (9), às 18h, em frente à Uniban. Na convocação, o movimento pede que as manifestantes compareçam usando minissaias ou vestidos curtos.

Anúncio

No [anúncio](#) em que divulgou a expulsão da aluna, a universidade afirma que ela frequentava a unidade com trajes inadequados "indicando uma postura incompatível com o ambiente".

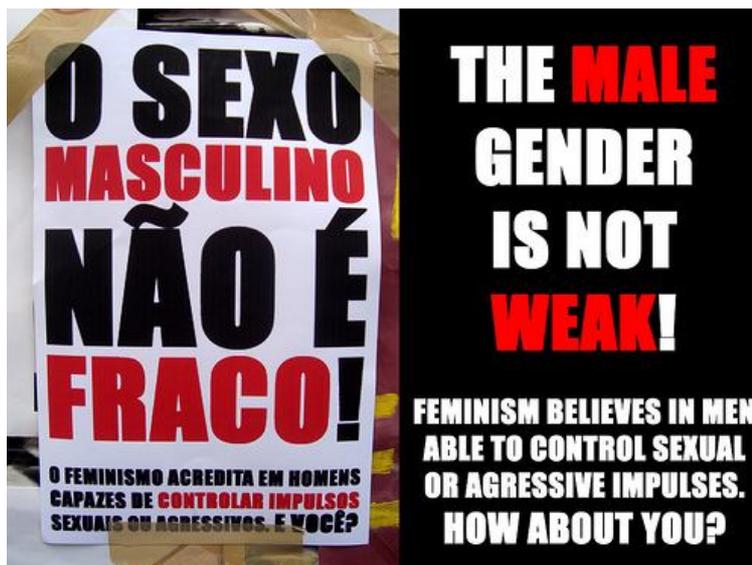
A nota diz ainda que "a atitude provocativa da aluna buscou chamar a atenção para si por conta de gestos e modos de se expressar, o que resultou numa reação coletiva de defesa do ambiente escolar".

Geisy afirmou à **Folha Online** neste sábado (7) que a decisão da universidade é [absurda](#). "Eu fui a vítima. Como que eu posso ser expulsa? A vítima é expulsa da faculdade?"

O advogado da universitária, Nehemias Melo, disse que ainda [não foi notificado](#) pela universidade a respeito da expulsão. "Fui informado pela imprensa. Lendo a nota, fiquei perplexo. Estou atordoado."

Educadores, advogados e entidades de defesa das mulheres também [criticaram](#) a decisão.

Fotos utilizadas nesta atividade:

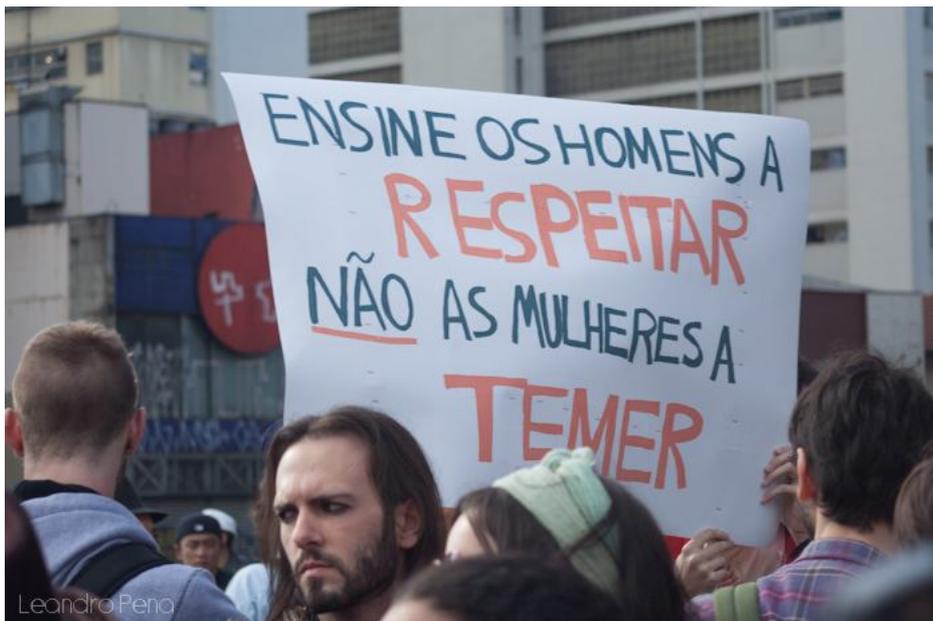


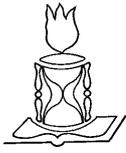


Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia



“A agressão sexual é o único crime onde a vítima se torna o acusado”





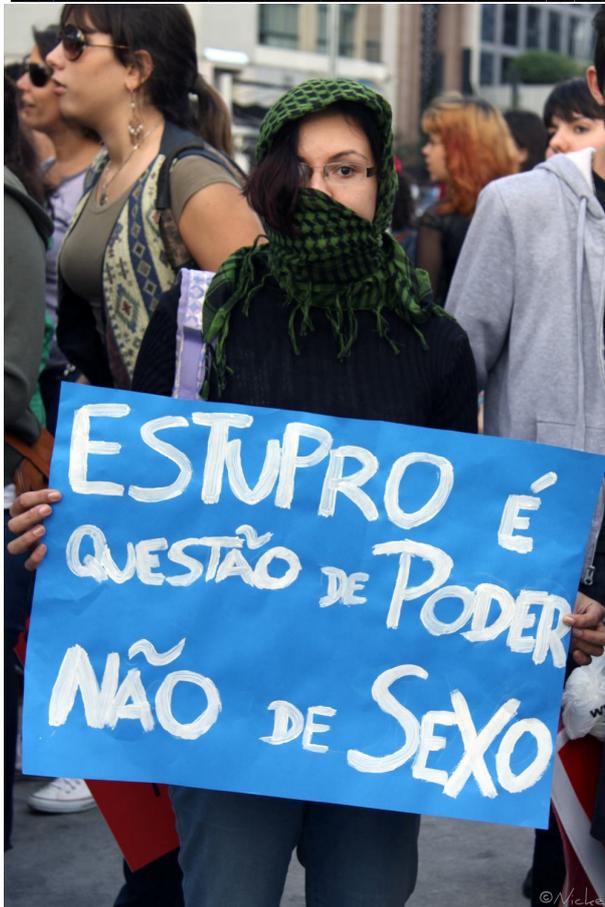


Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia





Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia





Atividade 2 – A dominação masculina no campo da ciência: de que modo a ciência justifica (ou não) as desigualdades entre homens e mulheres?

Ainda hoje, alguns estudos científicos reproduzem a ideia de um determinismo biológico que justifica estereótipos sexuais: de acordo com estes estudos, os corpos (e as mentes) femininos e masculinos são naturalmente diferentes, o que explicaria as desigualdades existentes entre homens e mulheres no contexto social. Esta ideia vem sendo rebatida por diferentes campos científicos desde o final da década de 1970, quando se começou a questionar a suposta “naturalidade” dos papéis sociais impostos a homens e mulheres: “feminino” e “masculino” seriam construções sociais, reforçadas pelos próprios estudos científicos.

Objetivos: Mostrar aos alunos que a ciência e os cientistas também são influenciados pela lógica da dominação masculina. Mais do que influenciados por esta visão, eles também contribuem para sua manutenção, ao justificarem as diferenças e desigualdades socialmente construídas entre homens e mulheres por meio de seus estudos. Mostrar também que alguns cientistas não corroboram esta visão e procuram contestar tais estudos ao argumentarem que não é a natureza que determina as diferenças e desigualdades entre “masculino” e “feminino”.

Previsão de desenvolvimento: 1 aula

Recursos necessários: Esta atividade será baseada em duas reportagens. Se não for possível o uso de um computador e de um telão de projeção, a sugestão é imprimir as reportagens e distribuí-las entre grupos de alunos.

Dinâmica utilizada: A partir da leitura das reportagens, refletir sobre as diferentes visões apresentadas, comparando os argumentos da psicóloga evolucionista Susan Pinker com os da neurocientista Cordelia Fine, procurando discutir de que maneira estas cientistas procuram manter ou combater a lógica que justifica estereótipos “femininos” e “masculinos”. Levantar as seguintes questões:

- Por que Susan Pinker afirma que nem todas as diferenças entre homens e mulheres são construções sociais?



-
- De que maneira Pinker descreve as mulheres e seus comportamentos durante a entrevista? (Sua argumentação procura questionar ou “naturalizar” estereótipos relativos às mulheres (e aos homens também)?)

 - Qual é a crítica de Cordelia Fine aos estudos científicos que afirmam que homens e mulheres são naturalmente diferentes? Que problemas estes estudos apresentam?

 - A cientista acredita que existam diferenças de comportamento e de cognição entre homens e mulheres? Se estas diferenças existem, se devem a quais fatores?

 - Por que o “neurosexismo” pode ser prejudicial aos cientistas e ao público mais geral? O que pode ser feito para esclarecer melhor as pessoas?

 - Quais as diferenças entre as linhas de pesquisa de cada uma das cientistas?

 - O que cada uma delas pensa acerca de “evidências científicas”? (Evidências são verdades por si só ou são construídas a partir de uma metodologia e de uma interpretação?)

Pinker afirma que atualmente a ciência se utiliza de tecnologias avançadas para estudar as diferenças biológicas entre homens e mulheres, podendo entender, por exemplo, de que modo os hormônios afetam o comportamento. Fine, por outro lado, afirma que pesquisas que se utilizam destas tecnologias possuem erros de metodologia e interpretação, produzindo resultados superficiais. Ela diz que as diferentes formas de educação e socialização de homens e mulheres são ignoradas por outros estudos – se os hormônios influenciam o comportamento, o comportamento também influencia os hormônios, por exemplo.

Reportagens utilizadas nesta atividade:

Matéria do jornal Folha de São Paulo, do dia 21/03/2010, disponível no endereço <http://www1.folha.uol.com.br/foha/ciencia/ult306u709956.shtml>



Mulher é mais feliz quando reconhece diferenças de gênero, diz cientista

RICARDO MIOTO
da **Folha de S.Paulo**

Após abandonar o feminismo, a psicóloga Susan Pinker adotou um novo olhar sobre as diferenças biológicas que existem entre os sexos. Para ela, o movimento foi bom por ter dado liberdade de escolha às mulheres, mas errou ao afirmar que todas as distinções de gênero eram socialmente construídas. Em seu novo livro, "[O Paradoxo Sexual](#)", ela defende que salários de homens costumam ser maiores hoje não por discriminação no mercado, mas porque eles priorizam mais isso.

Professora da Universidade McGill, de Montréal, a canadense Susan Pinker segue a mesma linha de pesquisa que seu irmão Steven. Ambos buscam entender a mente humana no contexto da evolução. Em entrevista à **Folha**, ela conta por que sente pena de Lawrence Summers, reitor da Universidade Harvard que perdeu o cargo acusado de machismo.

Folha - Seu livro fala sobre mulheres em empregos com bons salários, mas que as afastavam dos filhos, tornando-as infelizes. Por que elas quiseram anonimato?

Susan Pinker - Acho que as mulheres que fazem essa escolha ainda estão envergonhadas de não estar agindo como homens. Mas não podemos esperar isso delas. Elas não são homens.

Folha - Como assim?

Pinker - Existe a expectativa, no Ocidente, de que mulheres devem voltar a trabalhar normalmente quando seus filhos ainda são pequenos sem que se sintam mal por isso. Mas essa angústia tem razões biológicas. Se você der liberdade de escolha, mulheres vão querer trabalhar menos enquanto seus filhos forem novos. Na América do Norte e na Europa, entre as empresas que oferecem aos seus funcionários trabalhos em meio período, 89% dos que aceitam são mulheres. Isso oferece às mulheres mais tempo não só para os seus filhos, mas para seus outros interesses.

Folha - Ganhar um salário menor é o preço que as mulheres pagam para satisfazer seus sentimentos?

Pinker- Sim. Fui entrevistada por uma jornalista na Holanda, onde há leis que dizem que, se você quer trabalhar só meio período, não pode ser demitido. A maioria das mulheres na Holanda não trabalham o dia inteiro, tendo filhos ou não. Essa jornalista trabalhava só quatro dias por semana. Ela dedicava as sextas para tocar piano, e achava



que não seria feliz sem isso. Então não se trata apenas de cuidar dos filhos, mas também de ter uma vida mais equilibrada. Para as mulheres, a vida não é apenas trabalho, salário e promoções, ao contrário do que pensam muitos homens, que acham que tudo isso vale a pena quando compram um novo carro. Incomoda a muitos deles pensar que outras pessoas estão ganhando mais dinheiro, que moram em um lugar mais legal. São mais competitivos, gostam mais de assumir riscos. Não todos, mas eu diria que 75% dos homens são assim.

Folha - Ou seja, não é regra.

Pinker - Eu sempre deixo claro que cada pessoa é um indivíduo único. Ciência é estatística, pessoas são únicas. Então, quando você estuda ciência, está analisando probabilidades. Sempre existirão exceções. Compare com a altura. Em geral, homens são mais altos, mas existem várias mulheres mais altas do que muitos homens.

Folha - Mas ainda existe muita resistência à ideia de que as diferenças entre os gêneros não são apenas socialmente construídas.

Pinker - As mulheres foram discriminadas por tanto tempo que as pessoas têm uma aversão à ideia de que existe uma diferença natural, biológica. Acham que falar sobre diferenças é voltar a pensar como antigamente, quando, na verdade, não tem nada a ver com discriminação. É bobo ignorar as evidências científicas porque você tem medo do que elas vão dizer.

Folha - Mas pode soar como "acabou a festa, todas de volta para a cozinha, os afazeres domésticos"...

Pinker - Estou muito longe dessa mensagem. O que acontece de bom quando as mulheres aceitam que existem diferenças biológicas naturais é que elas se sentem muito menos isoladas com seus sentimentos. Se ignoramos as diferenças, estamos forçando mulheres a assumir cargos e trabalhos nos quais boa parte delas não serão felizes, talvez como executivas ou engenheiras. Muitas mulheres me disseram: "Graças a Deus você fez esse livro. Eu achava inaceitável aquilo que eu sentia". É difícil para elas gostar de trabalhar com pessoas, mas saber que empregos assim não são tão bem pagos quanto os que envolvem lidar com "coisas", como engenharia. A maioria das mulheres gosta de trabalhos como assistência social, pedagogia, profissões na área de saúde, mas salários nessas áreas costumam ser menores.

Folha - Mas, se as mulheres gostam de áreas que pagam menos, não há nada a fazer, então?

Pinker - Precisamos remunerar melhor as mulheres pelos trabalhos que elas preferem. Ou seja, começarmos a pagar aos professores tanto quanto pagamos aos engenheiros. Muitas mulheres esperam que as suas conquistas sejam reconhecidas sem que tenham de pedir aumentos. E, por isso, têm menos chances de ver os seus salários subindo. Se eu sou um chefe e recebo um homem em meu escritório dizendo "veja o que estou



fazendo, eu mereço um salário maior", tenho mais propensão a oferecer um aumento a ele do que a outra pessoa que faz o seu trabalho sem reclamar.

Folha - O que a sra. pensava sobre as diferenças de gênero quando era jovem? Leu Simone de Beauvoir?

Pinker - Sim, claro, como todo mundo naquela época. Estamos em um ponto alto do movimento feminista. Quando eu estava na universidade, no final dos anos 1970 e começo dos 1980, a expectativa era que homens e mulheres fossem idênticos, que nós deveríamos fazer as mesmas coisas, trabalhar a mesma quantidade de horas, no mesmo tipo de emprego, ter o mesmo tipo de vínculo emocional com o trabalho doméstico e com as outras pessoas. Eu acreditava muito nisso, li todos os livros das principais feministas. Foi só quando eu fui trabalhar e quando meus filhos nasceram que percebi que havia um buraco entre a minha abordagem intelectual do assunto e os meus sentimentos.

Folha - Então deveríamos agora esquecer ["O Segundo Sexo"](#) [livro de Simone de Beauvoir, de 1949, marco do feminismo]?

Pinker- ["O Segundo Sexo"](#) era interessante em sua época, mas está ultrapassado. A ciência avançou muito desde então. Não tínhamos ressonância magnética nem o mapeamento do genoma humano, não sabíamos metade do que sabemos hoje. Hoje estamos entendendo como os hormônios afetam os comportamento humano.

Folha - Como foi a experiência da sra. em um kibutz?

Pinker - Eu tinha 19 anos e fiquei um ano num kibutz porque eu era socialista. Era um lugar interessante para perder noções irrealistas. Existiam trabalhos que a maioria das mulheres não queriam fazer, que exigiam muito esforço físico ou eram perigosos. Existia uma divisão natural de trabalhos por sexo, ainda que os kibutzim tivessem sido planejados para que isso não existisse.

Folha - Quando Summers perdeu o cargo em Harvard após dizer que a falta de mulheres em ciência é questão de aptidão, o que a sra. pensou?

Pinker - Foi assustador, porque eu tinha acabado de decidir escrever o meu livro quando vi o que aconteceu a esse pobre homem. Ele foi atacado simplesmente por comentar as evidências que a maioria das pessoas que trabalham com biologia e antropologia evolutiva vêm dizendo há anos.



Matéria da revista Planeta, edição de novembro de 2010, disponível no endereço <http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/458/artigo193265-1.htm>

Neurosexismo - O cérebro é masculino ou feminino?

A neurocientista Cordelia Fine mostra que muitos estudos a respeito das diferenças dos cérebros de homens e mulheres podem ter sido mal interpretados para justificar um fato social conhecido há muito tempo: a diferença de gênero

Maira Lie Chao

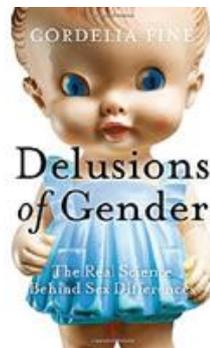


Para muitas pessoas, homens e mulheres são diferentes, e não só fisicamente. Estudos recentes, popularizados por incontáveis livros, jornais e revistas, difundiram a imagem de que elas são, por características cerebrais, mais sensíveis e empáticas, enquanto eles, mais racionais, exibem superioridade nas ciências exatas. A neurocientista australiana **Cordelia Fine**, no entanto, critica o uso da ciência para justificar essa visão. De

acordo com ela, esses estudos que comprovam a diferença de gênero contêm falhas metodológicas e interpretações equivocadas que a levaram a criar um neologismo: “neurosexismo”, ou o conjunto de situações em que a neurociência é (mal) utilizada para justificar estereótipos de gênero.



Cordelia Fine



Delusions of Gender



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Recentemente, Cordelia publicou o livro *Delusions of Gender: The Real Science Behind Sex Differences (Ilusões de Gênero – A Verdadeira Ciência por Trás da Diferença Sexual*, em tradução livre), no qual faz um alerta sobre como a neurociência pode se transformar em “neuro-sem-sentido” quando não possui rigor metodológico ou é mal interpretada. “Uso o termo neurosexismo para me referir a situações em que as pessoas superinterpretam, interpretam mal ou até constroem a neurociência como forma de disfarçar os estereótipos de gênero”, afirma.

Cordelia explica no livro que “queria tornar a ciência real sobre a diferença de gênero acessível e mostrar que é muito mais complicada e interessante do que somos induzidos a pensar”. Ela deseja acabar com a crença, estimulada por best-sellers como *Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus*, do escritor norteamericano John Gray, de que é inútil esperar por uma “igualdade de gênero”, porque a ciência apontou diferenças inatas entre os sexos. “Se o livro também incentivar um debate sobre como melhorar a produção científica e a transmissão de informação sobre o assunto, então, estarei muito contente”, declara.



É difícil determinar com precisão o nível de testosterona fetal no útero para saber o grau de influência que o hormônio terá na formação cerebral do bebê

O ponto central abordado por Cordelia é o uso equivocado da neurociência para justificar a questão de gênero. Por se referirem a um campo novo, as pesquisas neurocientíficas precisam ser mais bem estudadas. “Certamente, há diferença sexual de cognição e comportamento, mas o que é interessante é que ela pode aumentar, diminuir, desaparecer e mesmo ser revertida, dependendo do contexto social, ou do país, ou do período histórico”, avalia.

A neurocientista critica diversos estudos muito populares que oferecem respaldo ao neurosexismo. Eles surgiram, em parte, como uma reação à ênfase que os psicólogos deram à importância do meio no desenvolvimento das habilidades e da personalidade durante os anos 1970 e o início da década de 1980. A resposta científica resultou, então, num peso exagerado para a influência dos genes e das habilidades herdadas.



Meninos e meninas têm o mesmo potencial para desempenhar diversas tarefas, como cálculo e leitura, desde que acreditem nisso.

Um desses estudos é sobre como os hormônios influenciam no comportamento e, em contato com o feto, podem determinar sua estrutura cerebral – e, conseqüentemente, seu padrão comportamental. A médica norte-americana Louann Brizendine, autora do best-seller *Como as Mulheres Pensam*, defende, por exemplo, que a testosterona que interage com o feto masculino por volta da oitava semana de gestação responde pelo desenvolvimento e pela inibição de algumas áreas do cérebro, como as relacionadas à agressividade e à comunicação, que dão aos homens habilidades matemáticas com as quais nos habituamos a associá-los.

Ambiente e contexto histórico influenciam no comportamento: hoje, mulheres atuam em áreas “masculinas” e homens executam tarefas domésticas

Cordelia retruca, porém, assinalando que o comportamento característico e a diferença de sexo têm muito mais a ver com a socialização das crianças do que com a testosterona fetal. Segundo ela, os métodos de medição hormonal durante a gestação ainda não são exatos. Além disso, se houvesse habilidades inatas de homens e mulheres derivadas da estrutura cerebral, isso implicaria indivíduos seguindo carreiras de acordo com essa aptidão natural. No entanto, hoje há mulheres na área de exatas e em outros campos antes exclusivos dos homens, como o jornalismo esportivo.

“Certamente, os hormônios influenciam nosso comportamento, mas o comportamento também influencia os hormônios”, afirma Cordelia. Para ela, embora estejamos habituados a achar que, por conta dos hormônios, é natural que os homens sejam menos ligados à vida doméstica, o estímulo do ambiente pode levar a mudanças hormonais.

“[Em seu estudo, a psicóloga norte-americana] Francine Deutsch descobriu que pais que dividem as tarefas igualmente com as esposas desenvolveram um tipo de proximidade com os filhos que normalmente associamos às mães”, escreve a neurocientista.



Assim, as funções inatas de homens e mulheres podem não ser tão “instintivas” quanto se pensava. É a vivência social que acaba nos fazendo crer que há funções específicas para cada sexo. “Acho que há uma explicação plausível para o aparecimento da ideia de diferenças sexuais inatas”, afirma Cordelia. “Psicólogos sociais mostraram que somos motivados psicologicamente a pensar que nossa estrutura social é justa, natural e inevitável.” No quesito empatia, por exemplo, ela ressalta que os dois sexos conseguem ter o mesmo desempenho – “mas, quando uma mulher é lembrada que, como as demais mulheres, deveria ser boa nessa característica, ela tem performance melhor que a dos homens”.

A vulnerabilidade das neuroimagens

Um tipo de estudo que merece atenção especial de Cordelia no livro é o que usa neuroimagens, como ressonância magnética funcional (fMRI, em inglês) e tomografia por emissão de pósitrons (PET, em inglês). Segundo a neurocientista, o atual entusiasmo com as pesquisas baseadas nesse recurso pode levar a descobertas superficiais sobre diferença de sexo.

Cordelia argumenta que, por esses exames de imagem cerebral serem muito caros, o número de participantes é limitado. Logo, a baixa amostragem pode levar a resultados duvidosos, já que pequenas variáveis, como cafeína e taxa respiratória, podem alterar a imagem, sem que tenham algum efeito significativo no comportamento.

A cientista australiana observa ainda que, pelo fato de a neurociência ser uma área nova, seu uso gera controvérsias. Muitos especialistas defendem que a análise estatística baseada nessas imagens deve ser feita com mais rigor. Segundo eles, muitos estudos recentes sobre diferença sexual na ativação cerebral não possuem, por exemplo, um dado estatístico relevante, ou podem mudar, dependendo do método de análise. “Por essas razões, é essencial não apostar muito em um único estudo que aponte diferenças sexuais, mas tentar encontrar um padrão consistente”, analisa Cordelia.

Um estudo feito pela equipe da neurocientista holandesa Iris Sommer exemplifica a existência de pesquisas equivocadas nessa área. A equipe revisou duas vezes todos os estudos sobre lateralização da linguagem (quando uma parte do cérebro é mais desenvolvida em razão de hormônios e, por isso, o indivíduo tem mais ou menos habilidades verbais) que usavam fMRI. A primeira avaliação, de 2004, considerou cerca de 800 participantes; a segunda, de 2008, incluiu mais 2 mil voluntários. Em ambas, os cientistas não encontraram nenhuma diferença sexual significativa na lateralização



funcional para a linguagem. Os pesquisadores também observaram que os estudos que mostravam as diferenças sexuais tinham menos participantes.

Um estudo feito por Janet Shibley Hyde, professora de psicologia da Universidade de Wisconsin- Madison (EUA), constatou, por meio de metaanálises de outras 46 pesquisas, que 78% das diferenças entre os gêneros são muito pequenas ou inexistentes. Ou seja: meninas podem se sair tão bem na área de exatas quanto os meninos. Outra evidência disso é um estudo da norte-americana Giordana Grossi, da Universidade Estadual de Nova York (EUA), que mostra que, dependendo do país e da cultura social, garotas podem obter resultados tão altos quanto os garotos em testes matemáticos. Alunas da Finlândia tiraram notas maiores do que seus colegas do sexo masculino e do que os alunos norte-americanos que superaram suas conterrâneas.

As imagens do cérebro podem apresentar equívocos. É preciso encontrar um padrão consistente de estudos que usam neuroimagens para chegar a um resultado conclusivo.



Questão de gênero e educação

Um dos motivos pelos quais Cordelia se preocupa com a divulgação de estudos neurocientíficos sobre diferença sexual é o uso destes na área pedagógica. “Tenho objeção a meninos e meninas serem ensinados de forma diferente porque os estereótipos de gênero estão disfarçados de neurociência”, declara. A autora exemplifica que há escolas mistas com “educação paralela” em alguns anos do período escolar. Durante essa fase de separação de classes em masculinas e femininas, os jovens são ensinados de forma diferente. Por exemplo, o ensino de matemática para meninos é feito com base em atividades práticas, como desenho e exercícios. Já nas classes femininas, o professor é orientado a discutir a matéria por cerca de dez minutos no início da aula, fazendo uma analogia dos eixos horizontal e vertical de um plano cartesiano com uma relação entre duas pessoas.

Para a neurocientista australiana, é fundamental aumentar o rigor das pesquisas sobre diferença sexual no cérebro. Nesse aspecto, ela argumenta que tanto cientistas quanto autores não especializados na área devem trabalhar em conjunto para que a ideia errada não seja passada ao público. “Jornalistas e editores que trabalham com mídia popular precisam estar conscientes da necessidade de apurar as declarações; e os cientistas têm a obrigação moral de ajudá-los”, afirma. Os neurocientistas também devem estar cientes de que suas informações sobre diferença de gênero influenciam seu trabalho e o de colegas. “O neurosexismo afeta atitudes sociais de um modo prejudicial, e não devemos fazer pouco-caso disso.”

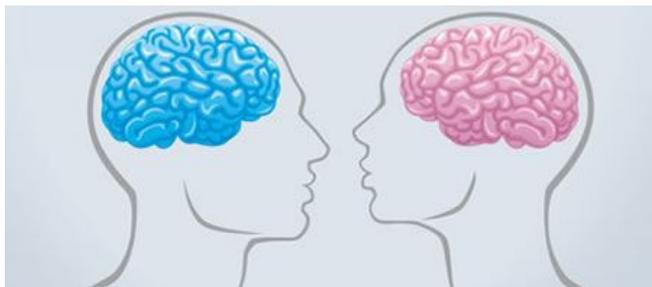
Cérebro feminino de antes

Desde 1915, acreditava-se que as diferenças físicas do formato e da estrutura do cérebro das mulheres poderiam ter influência em seu comportamento. Naquele ano, o



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

neurologista norte-americano Charles L. Dana utilizou essa crença como argumento para dizer que as mulheres não tinham como especialidade a área política e judicial, em seu artigo sobre direito de voto feminino no jornal *The New York Times*.



Texto: *maira@planetanaweb.com.br*

Atividade 3 – A dominação masculina e o corpo feminino: de que forma as mulheres são retratadas pela televisão?

Exibição do documentário italiano “O corpo das mulheres”, que critica a forma como as mulheres são mostradas na televisão: corpos perfeitos de mulheres jovens e bonitas, muitas vezes colocadas em situações e em brincadeiras humilhantes nos programas, constituiriam uma representação distorcida das mulheres “reais”. Segundo o documentário, a não-exibição de rostos adultos na televisão, que mostrem os sinais do tempo, provocou uma verdadeira anulação da identidade das mulheres. Está disponível nos endereços http://www.ilcorpodelledonne.net/?page_id=209 e <http://www.youtube.com/watch?v=wS1nXkGzaww> .

Objetivos: Mostrar de que maneira as mulheres e seus corpos são construídos pelas imagens da televisão e da mídia. Tal construção é fruto de uma lógica “masculina”, onde as imagens das mulheres são construídas em oposição às imagens dos homens, e, mais do que isto, são construídas para os olhares masculinos, para os olhares “dominantes”.

Previsão de desenvolvimento: 1 aula



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Recursos necessários: São necessários uma televisão e um aparelho de DVD para a exibição do documentário (ou um computador e um telão de projeção).

Dinâmica utilizada: Antes de exibir o documentário, fazer uma breve introdução ao assunto, explicando do que se trata. Após a exibição, levantar as seguintes questões:

- As imagens retiradas dos canais de TV italianos, exibidas no documentário, são imagens familiares ou provocam estranhamento?
- Quais representações e estereótipos acerca das mulheres aparecem no documentário? E acerca dos homens? Qual a relação entre elas?
- O que o documentário está criticando? Por quê?
- O documentário propõe alguma “solução” para a problemática que está apontando?